

## O Avanço do Terrorismo de Ultradireita nos EUA desde 2009

Pedro Alexandre Penha Brasil \*

Ministério das Relações Exteriores – MRE

\*Autor correspondente. Email: pedropenhabrasil@gmail.com

### Resumo

O artigo apresenta hipótese de que o terrorismo de ultradireita nos EUA aumentou desde 2009, após a posse do presidente Barack Obama. Utilizando-se de metodologia qualitativa exploratória, busca-se responder às perguntas: o que é terrorismo de direita? Como e com que motivação tem esse fenômeno se manifestado nos EUA? O que se pode esperar no futuro? Por meio de análise das colocações teóricas e de pesquisa quantitativa realizada na Base de Dados Globais de Terrorismo (GTD), comprovou-se a hipótese posta. Foram analisadas definições teóricas de terrorismo e dos principais elementos ideológicos da ultradireita norte-americana. Identificou-se, igualmente, uma tipologia do terrorismo de ultradireita atual nos EUA. Explorou-se o fenômeno do terrorismo cometido pelos chamados ‘lobos solitários’ e como sua associação com a ultradireita representa grave ameaça à sociedade. Foram considerados, ademais, as características centrais do contexto político estadunidense que contribuem para o exacerbamento de terrorismo. Baseado na pesquisa conduzida, o prognóstico é de que o terrorismo de ultradireita nos EUA tende a continuar a crescer.

**Palavras-chaves:** Terrorismo, Ultradireita, Extremismo, Segurança, Radicalismo

### 1. Introdução

As imagens que circularam o mundo da invasão do Capitólio norte-americano por radicais de direita, em 6 de janeiro de 2021, foram simbólicas por anunciar que um movimento extremista, propagador de ódio, racismo e xenofobia teria mais presença e força no país do que muitos poderiam imaginar. De caráter inusitado, os atos realçaram uma sensação de que, ao longo da última década e meia, parece ser comum e corrente ver notícias sobre tiroteios ou outros atentados violentos nos EUA, principalmente contra minorias, como negros, muçulmanos e hispânicos. Seria isso verdade ou apenas uma impressão?

Este artigo apresenta hipótese de que o terrorismo de ultradireita nos EUA aumentou desde 2009, após a posse do presidente Barack Obama. Utilizando-se de metodologia qualitativa exploratória, procura-se responder às seguintes perguntas:

o que é terrorismo de direita? Como e com que motivação tem esse fenômeno se manifestado nos EUA? E, a partir das análises e das pesquisas apresentadas, o que se pode esperar no futuro? Posteriormente, por meio de pesquisa quantitativa de base de dados, buscou-se comprovar a hipótese posta.

Com o objetivo de obter precisão terminológica para fins da análise deste artigo, foram apresentadas definições teóricas tanto de terrorismo quanto dos principais elementos ideológicos da ultradireita norte-americana. Expressaram-se os diversos conceitos e fatores norteadores da ideologia ultradireitista – mormente as diferentes manifestações de nacionalismos exacerbados e o nativismo –, e a forma como estes contribuem para promover a ação terrorista. Explorou-se, ademais, o crescimento do número de atos de terrorismo cometidos pelos chamados ‘lobos solitários’, sua associação com a ultradireita nos EUA e os elementos que tornam o fenômeno uma grave ameaça à sociedade moderna. Foram considerados, também, as características centrais do contexto político estadunidense que contribuem para a intensificação de terrorismo, como a polaridade política e a penetração de ideologias de ultradireita no debate político tradicional norte-americano.

Em sequência, para comprovar a hipótese de que o terrorismo de ultradireita de fato tem avançado ao longo dos últimos anos, apresentou-se pesquisa quantitativa realizada na Base de Dados Globais de Terrorismo (GTD, sigla em inglês), que buscou identificar os atentados nos EUA que podem ser vinculados à ultradireita e comparar sua incidência em dois períodos de igual duração: de 1997 a 2008 e de 2009 a 2020. Com a comprovação factual advinda da análise dos resultados da pesquisa na base de dados e com os elementos teóricos apresentados no artigo, parece natural formular prognóstico pessimista em relação ao arrefecimento do terrorismo de ultradireita nos EUA.

## 2. Definições teóricas de terrorismo e de ultradireita

Para que se possa analisar o fenômeno do terrorismo de ultradireita nos EUA é essencial, naturalmente, começar por definir o que é terrorismo. Todas as discussões teóricas sobre o tema esbarram inicialmente no problema definicional: apesar de diversos esforços coletivos, reuniões e debates internacionais sobre o fenômeno, não há definição consensual, acadêmica ou política, sobre o que é terrorismo (Silke 2019). Foge ao escopo do artigo explorar as diversas facetas dos significados do termo, mas, para fins de precisão sobre a utilização do conceito, recorreremos à obra de Anthony Richards, que define terrorismo como:

método que implica o uso de violência ou força, ou ameaça de violência ou força, com a função primária de gerar impacto psicológico além das vítimas ou objetos imediatos do ataque, por um motivo político”<sup>1</sup> (Richards 2015, p.146).

Sublinhe-se, aqui, alguns fatores definicionais essenciais para aprofundamento no estudo do tema e diferenciação de terrorismo de outros comportamentos criminosos igualmente associados a movimentos políticos extremados. O uso, ou ameaça de uso,

---

1. Tradução do original: “Terrorism is a method that entails the use of violence or force or the threat of violence or force with the primary purpose of generating a psychological impact beyond the immediate victims or object of attack for a political motive”.

de violência ou força é característica fundamental do terrorismo, distinguindo-se, por exemplo, de crimes de ódio. Crimes de ódio são definidos de diferentes formas pelos sistemas jurídicos nacionais de cada país, mas, como regra, visam à proteção de minorias e vulneráveis (Bjørge e Ravndal 2019). Muitos atos de discriminação, de injúria racial ou de homofobia, todos considerados crimes de ódio e que representam sérias ameaças à sociedade no mundo de hoje, não envolvem violência, não podendo, portanto, serem classificados como terrorismo (Jones, Doxsee e Harrington 2020). Em contrapartida, o nefasto atentado perpetrado por Anders Breivik <sup>2</sup>, na Noruega, em 2011, certamente deve ser entendido como terrorismo, mas, por não alvejar minorias, não seria contemplado por diversas tipificações nacionais de crimes de ódio.

Outro aspecto basilar de terrorismo diz respeito à intenção de gerar impacto psicológico além das vítimas, o que requer certo grau de premeditação, assim excluindo episódios de violência espontânea, uma das formas mais comuns de expressão de radicalismo político (Schmid 2023). Cabe ressaltar que o condicionamento da definição do ato à intenção dos perpetradores representa sério desafio ao estudo analítico de terrorismo, tanto em geral quanto de direita, pois dados confiáveis sobre os verdadeiros motivos por trás de ações terroristas são extremamente difíceis de se obter e sujeitos a demasiada especulação (Miller et al. 2008).

O caráter político da ação terrorista é também ressaltado, pois distingue terrorismo de outros tipos de violência, motivados por questões econômicas ou pessoais. Em Las Vegas, outubro de 2017, por exemplo, Stephen Paddock disparou contra plateia de um festival de música, matando 60 e ferindo 413 pessoas, no que até hoje representa o tiroteio individual mais letal na história dos EUA (Kovaleski 2023). Os distúrbios mentais que levaram Paddock a cometer o massacre não constituem motivação política, assim ilustrando que atentados violentos, mesmo premeditados e que se utilizam de métodos que buscam incutir medo, não devem ser considerados terroristas se carecerem de intuito político (Rapoport 2022).

Por fim, é importante distinguir entre violência política e terrorismo. Todo o terrorismo é violência política, mas nem toda a violência política é terrorismo. Conforme apresentado anteriormente, atos que não contiverem os elementos fundamentais de premeditação e intenção de provocar efeitos psicológicos além das vítimas, como crimes oportunistas e certos tipos de assédio e agressões, não devem ser considerados terrorismo (Bjørge e Ravndal 2019).

Delimitada a definição teórica de terrorismo, passa-se à busca pela identificação teórica de direita, dentro do contexto político atual, que estaria pautando o movimento terrorista objeto de estudo deste artigo. Aqui cabe ressaltar que toda a ação terrorista foge do escopo do diálogo político considerado normal ou aceito pelos partidos políticos estabelecidos nos EUA (Jones, Doxsee e Harrington 2020). Assim, ao identificar o fenômeno como ‘terrorismo de direita’, não se está propondo posicionamento sobre o debate político direita-esquerda: busca-se apenas identificar os elementos políticos norteadores do terrorismo associado à direita para permitir identificação mais precisa dos atos cometidos, bem como possibilitar melhor entendimento das raízes e das

2. Em 22 de julho de 2011, Anders Breivik detonou bomba no centro da capital norueguesa de Oslo, matando 8 pessoas, e seguiu para a ilha de Utøya, onde se realizava reunião da Juventude do Partido Trabalhista. Trajado como policial, Breivik conduziu ataque sistemático na ilha, matando 69 pessoas, 55 das quais com menos de 20 anos de idade.

motivações dos infratores.

Para evitar a armadilha do debate sobre a dicotomia direita-esquerda<sup>3</sup>, opta-se por analisar exclusivamente um dos extremos do espectro político: a ultradireita. A precisão dos termos aqui é necessária para evitar ambiguidades, uma vez que expressões como ‘ultradireita’, ‘extrema direita’, ‘direita alternativa’ e ‘direita radical’ são frequentemente utilizadas de forma intercambiável, sem distinção teórica precisa<sup>4</sup>. Para fins deste artigo, utilizar-se-á o termo ‘ultradireita’ para identificar a corrente de pensamento que opera no extremo do espectro político e busca mudanças substantivas e estruturais à ordem política e social vigente, pautadas por nacionalismos exacerbados e nativismo (Perliger 2012).

A característica essencial da acepção de ultradireita aqui utilizada é a primazia das versões radicais de nacionalismo. Segundo Hobsbawm (1990), nacionalismo pode ser entendido como a associação entre identidades étnicas, culturais ou linguísticas e expressão política, no sentido de promover um arcabouço cultural para uma entidade política. Dentro da estrutura ideológica da ultradireita ocidental, segundo Bjørgo e Ravndal (2019), identificam-se: o nacionalismo cultural, o nacionalismo étnico e o nacionalismo racial. O nacionalismo cultural seria a expressão mais ‘branda’ dos radicais, que prega a proteção da cultura ocidental de influências estrangeiras, buscando assimilar imigrantes às culturas nacionais respectivas e expulsá-los, caso resistam. O nacionalismo étnico busca preservar a etnia majoritária no estado, opondo-se à mistura étnica, mas reconhecendo a necessidade de diversidade cultural, desde que não no seu país. A visão mais extremada seria do nacionalismo racial, que prega a superioridade da raça branca e a necessidade de subjugação, deportação ou mesmo extermínio de outras raças (Bjørgo e Ravndal 2019). A condução das ações terroristas da ultradireita, portanto, seria baseada nas concepções radicais de nacionalismo supracitadas.

Outro elemento teórico fundamental das ideologias norteadoras do terrorismo de direita nos EUA é o nativismo. Nativismo seria a defesa da homogeneização interna da sociedade, que rejeita influências externas consideradas ameaçadoras a coesão, resiliência e durabilidade de uma identidade nacional (Perliger 2019). Ressalta-se que há considerável sobreposição entre o nativismo e os nacionalismos étnico e racial. O conceito de nativismo, no entanto, destaca-se por proporcionar à ultradireita argumento moral para condenar os inimigos internos – aqueles que, mesmo fazendo parte da maioria branca e cristã, defendem a integração, o liberalismo político e multiplicidade cultural, e assim, segundo os nativistas, estariam colocando em risco a identidade da nação (Mudde 2000).

### 3. Tipologia dos movimentos de ultradireita nos EUA

Não há consenso sobre como classificar os movimentos da ultradireita estadunidense que pautam as atividades terroristas no país. Diversas tipologias podem ser identificadas, entre as quais se destaca aquela apresentada por Perliger (2012), que identifica os seguintes movimentos da ultradireita norte-americana: supremacia branca, antigoverno

3. Para análise sucinta, mas aprofundada do debate, ver Norberto Bobbio, *Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção Política*.

4. Para reflexões mais detalhadas sobre as diferentes definições de extrema direita ver o trabalho seminal de Cas Mudde, bem como de Tore Bjørgo e Jacob Ravndal, identificados nas referências.

e fundamentalismo cristão.

### 3.1 *Supremacia branca*

Grupos de supremacia branca são, possivelmente, os mais frequentemente associados à ultradireita nos EUA e os que mais recebem atenção da sociedade e da mídia (Jackson 2019). Neste grupo, incluem-se a Ku Klux Klan (KKK), ‘skinheads’ e neo-nazistas, que defendem o conceito de hierarquia racial natural, na qual os brancos seriam superiores e, portanto, devem subjugar minorias, principalmente afrodescendentes e semitas (Perliger 2019). As características centrais deste movimento são o nativismo, a homogeneidade social, o racismo e a xenofobia (Dobratz e Shanks-Meile 2000). Outro elemento importante do pensamento da supremacia branca nos EUA é a teoria da “Grande Reposição”<sup>5</sup>, segundo a qual estaria em curso tentativa deliberada das minorias étnicas e raciais, mormente judeus e imigrantes, de erradicar e substituir os brancos do país (Jones, Doxsee e Harrington 2020, p.6).

A presença política da ideologia de supremacia branca nos EUA não é nada recente. A KKK, em sua primeira convenção, realizada no estado sulista de Tennessee em 1867 – dois anos após a Guerra Civil norte-americana e a subsequente abolição da escravidão em todo território –, já afirmava que o objetivo central do grupo seria “manter a supremacia da raça branca na República”<sup>6</sup> (Quarles 1999, p.4). Historicamente a principal instituição de supremacia racial nos EUA, a KKK teve momentos distintos de popularidade ao longo do último século e meio, chegando a cerca de 2 milhões de membros, em meados dos anos de 1920 (Ballard 1988). Sua popularidade sofreu ao longo da década de 1930 com escândalos de corrupção das lideranças do grupo, no contexto da crise econômica da Depressão, que esvaziou os quadros da organização até a década de 1950, quando ressurgiu para combater os avanços liberais conquistados pelo movimento dos direitos civis e o fim das leis segregacionistas no sul dos EUA (Perliger 2019).

Nos anos 70, com o aumento da popularidade do movimento dos direitos civis e crescente cobertura nacional da mídia dos crimes raciais cometidos no Sul, a brutalidade da KKK começa a perder espaço e, no final da década, o grupo conta com apenas poucos milhares de membros (Gitlin 2009). Nesse momento, surgem novas lideranças da KKK, como David Duke e Thomas Metzger, que buscam mudar o perfil da organização ao adotar narrativa da necessidade de proteger os direitos do cidadão branco contra o crescente liberalismo imposto por Washington (Dobratz e Shanks-Meile 2000). Nasce, assim, a ‘Klean Klan’, que busca operar dentro da legitimidade, condenando atos terroristas, mas mantendo retórica racista e nativista (Perliger 2019). A KKK voltou a ocupar espaço político nos últimos anos, principalmente a partir da eleição de Donald Trump, em 2016, cuja campanha contou o endosso de David Duke, como veremos adiante (Schimich 2017). Hodiernamente, a KKK figura mais como bastião ideológico para a ultradireita do que como organização terrorista efetiva. Mesmo assim, membros da ‘clã’ são, até hoje, responsáveis por atentados terroristas, principalmente no Sul dos EUA, a exemplo de Harry Rodgers, líder regional da KKK que tentou interromper marcha antirracista em Lakeside, Virginia, em 2020, lançando

5. Tradução do original: “Great Replacement”.

6. Tradução do original: “maintain the supremacy of the White race in the Republic”.

sua caminhonete em cima dos manifestantes, e de Frazier Glenn Miller, membro da KKK que disparou contra centro hebraico em Kansas City, Missouri, matando 3 pessoas e ferindo dezenas (Waller 2020; Law 2016).

Outros grupos de supremacia branca formaram-se ao longo do século XX, como ramificações da KKK, com destaque para o Conselho de Cidadãos Conservadores (CofCC, sigla em inglês), fundado em 1985, no estado da Geórgia (SPLC, [sem data](#)). O CofCC tornou-se internacionalmente notório em 2015, quando um de seus membros, Dylann Roof, invadiu e metralhou igreja Episcopal frequentada por negros norte-americanos, em Charleston, na Carolina do Norte, matando nove pessoas e reafirmando a persistência histórica da ideologia de supremacia racial no país (Law 2016).

### 3.2 *Antigoverno*

A principal forma de organização social antigoverno nos EUA hoje são as milícias. Entende-se por milícias grupos paramilitares, composto de cidadãos armados e treinados, que surgiram, inicialmente, para contrabalançar a influência de exércitos nacionais profissionais (Polesky 1995). Recorda-se que milícias têm papel histórico na formação nacional estadunidense, sendo fundamentais na luta pela independência do país contra o Império Britânico, e que, desde então, contam com embasamento legal para sua existência, pautado pela segunda emenda constitucional norte-americana que afirma: “sendo uma milícia bem regulamentada necessária para a segurança de um estado livre, o direito do povo de manter e portar armas não deve ser violado”<sup>7</sup> ([U.S. Constitution 2023](#)).

A precursora das primeiras milícias modernas nos EUA surge no final década de 1960, a “Posse Comitatus”, organização sem clara liderança, cujos membros promoviam resistência a todas as instituições de governo federal ou estadual, recusando-se a pagar impostos ou obter carteiras de habilitação, entre outros atos de protesto simbólico (Law 2016, p.306). Com a crise econômica rural da década de 1980, observou-se o crescimento do número de milícias formadas nos EUA, inspiradas pelo anti-federalismo da Posse Comitatus e impulsionadas pela percepção de que o governo federal norte-americano estaria demasiadamente influenciado por elementos internacionais “liberais” que ameaçavam direitos constitucionais individuais, principalmente os que dizem respeito à posse e ao porte de armas de fogo (Perliger 2019, p.22). Em 1993, na cidade de Waco, Texas, embate entre órgãos de segurança do governo e grupo religioso armado provocou a morte de 82 pessoas, incluindo 28 crianças (Law 2016). O evento tornou-se uma bandeira das milícias de direita, pois teria confirmado o medo de que o governo federal estaria cerceando liberdades civis, inclusive o direito a armas de fogo (Hoffman 2017). Exatamente dois anos após o fim do sítio de Waco, em 19 de abril de 1995, para marcar a aniversário da tragédia, dois extremistas antigoverno e simpatizantes de milícias perpetraram o ato mais letal de terrorismo doméstico norte-americano ao explodirem o edifício do FBI na cidade de Oklahoma, causando a morte de 168 pessoas e mais de US\$600 milhões de danos (Hewitt 2003).

A dura reação das autoridades ao atentado de Oklahoma demonstrou a diminuição

---

7. Tradução do original: “A well regulated Militia, being necessary to the security of a free State, the right of the people to keep and bear Arms, shall not be infringed”.

da tolerância da sociedade e do governo central com atividades paramilitares civis e com milícias, que rapidamente tornaram-se o alvo principal das agências de segurança pública nos EUA (Perliger 2019). Diversas operações de infiltração foram conduzidas e centenas de milicianos foram presos, principalmente por produção e distribuição ilegal de armas de fogo, o que levou ao significativo enfraquecimento das milícias como movimento radical (Berlet 2004).

Após eleição à presidência de Barack Obama em outubro de 2008 – afrodescendente e visto como representante do liberalismo político no país – e com o acirramento da crise econômica mundial, o movimento miliciano nos EUA começou a ressurgir, evidenciando-se na criação de grupos como os “III Percenters”<sup>8</sup> e os “Oath Keepers”<sup>9</sup>, as duas maiores milícias hoje em atividade no país. Esses grupos fazem parte do chamado “movimento patriota”, ironicamente os principais atores antigoverno atuais (Perliger 2019; Berlet 2004). Frisa-se que o aspecto antigoverno destes movimentos diz respeito a governos liberais, não se tratando, assim, de movimentos anarquistas.

A eleição, em 2016, do candidato do partido Republicano, Donald Trump, que utilizou, em diversos momentos de sua campanha e de seu mandato, retórica de ódio – com apelo àqueles grupos que pregam violência, xenofobia, racismo e acesso irrestrito a armas de fogo –, incentivou a formação e o crescimento de milícias de diversas estirpes. Estes grupos adotaram discurso de apoio ao Presidente na luta contra um imaginado liberalismo intrusivo que estaria colocando em risco os principais valores da nação estadunidense (Nacos, Shapiro e Bloch-Elkon 2020). Grupos de ultradireita, como os “Proud Boys”<sup>10</sup>, e outros, conhecidos por “Trumpkriegers”, surgem como representantes do “movimento patriota”, defendendo o antagonismo ao governo liberal e cometendo atos de terrorismo em nome da defesa de suposta identidade nacional norte-americana (Jones, Doxsee e Harrington 2020, p.56).

### 3.3 *Fundamentalismo Cristão*

O terceiro pilar ideológico do terrorismo da ultradireita nos EUA é o fundamentalismo cristão. O movimento da identidade cristã nos EUA também possui caráter histórico, sendo o protestantismo um dos alicerces da fundação nacional estadunidense, desde os primeiros peregrinos que desembarcaram em Plymouth Rock, em 1620, em fuga da perseguição religiosa na Europa (Bush 2000). Tradicionalmente, o movimento da identidade norte-americana cristã não tendia à violência, mas servia para proporcionar embasamento moral e intelectual à violência nacionalista e de direita (Perliger 2019).

Em meados do século XX, sob a liderança de Gerald K. Smith, grupos de identidade cristã começaram a se organizar em torno da bandeira do antisemitismo, o que

8. O grupo foi estabelecido em 2008, com o principal objetivo de defender os direitos garantidos pela segunda emenda constitucional. O nome é uma alusão à teoria de que a Guerra de Independência dos EUA teria sido conduzida por 3% da população colonial em 1776.

9. Estabelecido em 2008, o grupo tem como juramento não aceitar nenhuma ação do governo federal que possa afetar negativamente os direitos garantidos na segunda e na quarta emenda constitucional (que protege a população de buscas e apreensões injustificadas do governo).

10. O grupo foi criado por Gavin McInnes, em Nova York, em 2016, com o objetivo declarado de ser serem chauvinistas ocidentais, promovendo orgulho da cultura ocidental. O grupo proporciona argumentos ideológicos para a radicalização de conservadores e exerce liderança nos eventos que levaram ao ataque ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Seu então líder, Enrique Tarrio, foi preso na ocasião e condenado em abril de 2023 pelo crime de conspiração sediciosa.

atraiu diversos focos de defensores da supremacia racial, especialmente a KKK, para o movimento (Barkun 1994). Formam-se grupos como a Liga de Defesa Cristã (CDL, sigla em inglês), que se envolveram em atividades violentas paramilitares, inclusive planejando atentado malogrado contra a vida de uma das principais lideranças da luta pelos direitos civis nos EUA, Dr. Martin Luther King Jr. (Kaplan 2000).

Diretamente vinculada à ideologia do fundamentalismo cristão encontra-se a violência dos grupos antiaborto. O terrorismo antiaborto nos EUA foi particularmente intenso do final dos anos 70 até meados dos anos 90, em decorrência do posicionamento, em 1974, da Suprema Corte do país de legalizar o aborto em certas circunstâncias, conhecida como a decisão *Roe v Wade* (Winter 2019). Estima-se que desde 1977, grupos antiaborto foram responsáveis por 42 ataques com explosivos, 196 incêndios criminosos, 491 casos de agressão e 11 homicídios nos EUA (NAF 2021).

Na esteira dos ataques de 11 de setembro de 2001, os atentados terroristas mais mortíferos da história norte-americana, grupos de identidade cristã voltaram a ganhar força, motivados principalmente por sentimentos de islamofobia e pregando o repúdio a qualquer elemento cultural associado ao Islã (Ogan et al. 2014). Nesse sentido, ataques a mesquitas e violência contra imigrantes muçulmanos cresceram consideravelmente imediatamente após o atentado às torres gêmeas e ao longo da primeira década do século XXI (Ogan et al. 2014).

Apresentadas as principais correntes ideológicas que tendem a pautar o terrorismo de ultradireita nos EUA, é importante esclarecer que existe considerável interação e sobreposição entre elas. Movimentos de supremacia racial frequentemente se organizam como milícias, adotam posições antigoverno e aderem a diversos ideais do fundamentalismo cristão. Assim, a diferenciação entre eles serve mais para esclarecer as fontes dos pensamentos que levam grupos a cometerem atos terroristas do que para criar rótulos específicos e excludentes.

#### 4. Lobos solitários

Uma característica do terrorismo de ultradireita nos EUA e no mundo tem sido a atuação dos chamados ‘lobos solitários’, perpetradores que planejam e cometem atos terroristas de forma individual (ou em grupos muito pequenos, de duas ou três pessoas), sem o apoio direto de grupos ou organizações terroristas. Estudos sobre as motivações de lobos solitários revelam que a supremacia branca e outras crenças conexas figuram como a principal ideologia norteadora desses indivíduos (Bouhana et al. 2018).

Apesar de não ser fenômeno novo, atos terroristas cometidos por lobos solitários têm aumentado ao longo das últimas décadas, em geral com grau de letalidade menor do que as ações cometidas por grupos terroristas (Appleton 2014; Bouhana et al. 2018). As exceções seriam os casos de Timothy Mcveigh<sup>11</sup>, Anders Breivik e Brenton Tarrant<sup>12</sup>, exemplos mais nefários de lobos solitários, em termos de escala da mortalidade de seus atentados. É difícil precisar as razões que levaram ao aumento da radicalização individual como tática terrorista, mas dois motivos são frequentemente apontados

11. Responsável pelo atentado ao prédio do FBI em na cidade de Oklahoma, em 1995, que resultou em 168 mortos.

12. Terrorista australiano defensor da supremacia branca que transmitiu ao vivo seu ataque à mesquita em Christchurch, na Nova Zelândia, em 2019, matando 51 pessoas.

como fatores centrais: a internet e as práticas de contraterrorismo adotadas desde 1995 (Perliger 2019).

A ubiquidade da internet no mundo de hoje permite a articulação e o intercâmbio de influências ideológicas de pessoas de mentalidade semelhante em qualquer lugar do planeta, o que, por vez, contribui diretamente para incubar e acelerar o terrorismo individual ao permitir que a radicalização ocorra sem a necessidade do indivíduo de sequer sair de casa (Bouhana et al. 2018). Extremistas frequentemente se utilizam da internet para aprimorar seus conhecimentos de atividade terroristas e para obter informações que possibilitam o planejamento de atentados de forma mais eficiente e letal (Gill et al. 2017). Tragédias como o ataque à sinagoga em Pittsburgh, em 2018, no qual 11 pessoas perderam a vida, e o tiroteio no hipermercado Walmart, na cidade de El Paso, em 2019, no qual 22 pessoas morreram, foram perpetradas por indivíduos que se radicalizaram com narrativas de supremacia branca encontradas na internet (Perliger 2019).

Frisa-se, igualmente, o caráter transnacional da radicalização em rede. David Bowers, o terrorista do ataque à sinagoga em Pittsburgh, era ativo usuário das plataformas ‘Stormfront’, ‘Gab’ e ‘8chan’, notórias por propagar o uso de violência (Katz 2022). Sua última postagem antes de cometer o massacre tornou-se lema motivacional da ultradireita<sup>13</sup> e foi celebrada por diversos extremistas, inclusive Brenton Tarrant, que presta homenagem a Bowers em sua comunicação no ‘8chan’ que anunciou o início da transmissão ao vivo dos ataques assassinos em Christchurch, na Nova Zelândia (Katz 2022). O fator multiplicador da radicalização pela internet deve também ser sublinhado. Outros terroristas individuais relataram terem se radicalizado em fóruns online, como John Earnest – responsável por atentado à sinagoga na Califórnia, em 2019, – que em seu depoimento à corte afirmou que suas maiores influências foram Jesus Cristo, o apóstolo Paulo, Adolf Hitler, David Bowers e Brenton Tarrant (Katz 2022).

A forma como se implementaram políticas de contraterrorismo nos EUA ao longo das últimas décadas também contribui diretamente para o crescimento da atuação de lobos solitários. As duas maneiras mais eficientes utilizadas para combater a atuação de organizações de ultradireita desde os anos 80 foram a infiltração de agentes do governo e a impetração de processos civis indenizatórios (Hewitt 2003).

Infiltrar agentes em milícias e grupos radicais que pregam ações violentas tornou-se uma das prioridades do FBI após o atentado de Oklahoma, estratégia que se provou imensamente bem-sucedida, culminando no desmantelamento de diversas células terroristas potenciais pelas autoridades desde então (Perliger 2019). O crescimento subsequente de ataques por lobos solitários seria reação das organizações extremadas e paramilitares à eficiência e à eficácia dos órgãos do governo de infiltrarem os movimentos, pois ao agirem sozinhos – ou com contato mínimo com grupos organizados –, diminuir-se-ia consideravelmente o risco de detecção por agências policiais.

Outra forma altamente exitosa de combater grupos da ultradireita norte-americana foram os processos civis indenizatórios impetrados por organizações como a Liga Antidifamação (ADL, sigla em inglês) e o Centro Legal de Pobreza Sulista (SPLC, sigla em inglês), que foram responsáveis pela ruína financeira das fachadas legítimas de

13. A postagem de Bowers original: “Screw your optics. I’m going in”.

grupos como a KKK, que apoiavam ações terroristas de seus membros (*idem*). Qualquer vínculo entre os perpetradores e organizações sociais e políticas eram explorados por ações legais voltadas ao desmantelamento das instituições que amparavam terroristas. Novamente, o individualismo do lobo solitário impede que seus atos criminosos sejam associados diretamente às instituições de ultradireita que os influenciam, resguardando-as, em larga medida, de processos legais.

Nos EUA, especificamente, o perigo dos lobos solitários é acentuado pela facilidade de acesso a armas de fogo e outros tipos de material bélico. As estatísticas sobre a presença de armamento no país são alarmantes: cerca de 72 milhões de pessoas são proprietários legais de 434 milhões de armas, das quais 20 milhões são rifles semiautomáticos e variantes do AR-15 ou do AK-47 (fuzis utilizados mundialmente por diferentes forças armadas nacionais) e 638 mil são metralhadoras automáticas (Nance 2022). A onipresença de armas na sociedade norte-americana potencializa a letalidade das ações individuais de extremados.

## 5. Fatores que contribuem para o avanço do terrorismo de ultradireita

Merecem atenção e análise os fatores sociais e políticos que contribuem para o aumento da atividade terrorista de ultradireita nos EUA que este artigo busca comprovar. Parecem existir três elementos de particular importância para o crescimento do terrorismo de ultradireita estadunidense desde 2009: a formação de ambiente político polarizado e contencioso; o aumento da diversificação populacional dos EUA, com fluxos migratórios entrantes; e o clima de aparente tolerância com a violência de ultradireita por setores do governo e da sociedade (Perliger 2019).

Segundo pesquisa realizada por Arie Perliger em 2018, baseada na análise dos incidentes de violência política nos EUA desde 1990, pode-se concluir que “grupos e indivíduos da ultradireita americana estão mais inclinados a cometer violência em situações de clima político contencioso” (Perliger 2019, p.92). A violência seria resultado de frustração dos grupos extremistas com a conscientização de que suas capacidades de determinar a plataforma política dos partidos convencionais seriam muito limitadas, o que levaria à busca por métodos alternativos, frequentemente violentos, de promover suas ideologias (Perliger 2019). Especificamente a partir de 2009, evidencia-se postura mais combativa da direita, ilustrada, por exemplo, pela declaração de David Duke, ex-líder nacional da KKK, à emissora CNN na qual afirma que a eleição de Barack Obama teria demonstrado aos brancos do país “que o governo em Washington, D.C. não é o nosso governo... precisamos nos levantar e lutar agora”<sup>14</sup> (Preston 2009).

Igualmente importante para o crescimento da ultradireita é o adensamento dos fluxos migratórios para os EUA, em larga medida de imigrantes de etnias não-brancas, que contribui para a intensificação da ação dos grupos e de indivíduos vinculados à supremacia racial e à islamofobia (McAlexander 2019). Com mais imigrantes no país, extremistas encontram mais alvos para manifestarem suas agendas de xenofobia e racismo (Auger 2020). Tragicamente ilustrativo, o já mencionado atentado em El Paso, em 2019, foi cometido por terrorista que alegou estar defendendo o Texas de uma “invasão hispânica” (Baker 2019).

---

14. Tradução do original: “that it is making white people clear of the fact that government in Washington, D.C., is not our government... we have got to stand up and fight now”.

O terceiro fator que vem contribuindo para o alastramento do terrorismo diz respeito à crescente aceitação das ideologias de ultradireita pelas instituições e partidos políticos tradicionais, o que estaria incentivando extremistas a acreditarem que suas agressões serão mais toleradas e menos arriscadas (Pantucci e Ong 2021). A eleição de Donald Trump, em 2016, aparece como clara manifestação de que muitos dos ideais da ultradireita, antes marginalizados e tachados como extremados, estariam agora representados no cenário político nacional (Nacos, Shapiro e Bloch-Elkon 2020; Baker 2016). Para muitos, a eleição de candidato que em diversas ocasiões manifestou tendências xenófobas, racistas e islamofóbicas seria a demonstração da força de movimento global de apoio à ultradireita (Auger 2020). Assim, a presença de ideologias de ultradireita no ‘mainstream’ político norte-americano fomenta, por parte de muitos membros da sociedade, crença de que a resposta das autoridades à violência de direita será mais branda, uma vez que ocupantes de altos cargos políticos compartilhariam os mesmos valores (Perliger 2019). Observa-se como exemplo a marcha de ultradireita realizada em no estado da Virgínia, em 2017, conhecida como a “marcha para unir a direita”<sup>15</sup>, na qual o supracitado David Duke afirmou: “estamos empenhados em tomar de volta o nosso país, vamos fazer cumprir as promessas de Donald Trump, é nisso em que acreditamos, é por isso que votamos em Donald Trump”<sup>16</sup> (Schimich 2017).

A preocupação com a permissibilidade concedida à violência de ultradireita pelas instituições norte-americanas foi fomentada por decisões polêmicas do governo Trump. O anúncio, em fevereiro de 2017, de que o programa governamental “Combatendo o Extremismo Violento” seria mudado para “Combatendo o Extremismo Islâmico” foi interpretado por diversos grupos radicais de direita como aceno do governo central à ultradireita, ao redirecionar os esforços das forças de segurança e de inteligência exclusivamente para a ameaça islâmica (Katz 2022, p.73)<sup>17</sup>. Igualmente, a aparente dificuldade do então presidente de condenar a atuação dos grupos de ultradireita na marcha em Charlottesville, Virgínia, que levaram à morte de uma jovem manifestante anti-extremista, foi considerada mais uma sinalização da nova tolerância do governo estadunidense com a violência da ultradireita (Nance 2022).

## 6. O crescimento do terrorismo de ultradireita nos EUA desde 2009 em dados

Foram apresentados já diversos fatores e elementos teóricos sobre as condições que levariam ao crescimento do terrorismo de direita nos EUA ao longo das últimas décadas. Consta-se, ademais, que, desde 2009, o Departamento de Segurança Doméstica dos EUA (DHS, sigla em inglês) já havia alertado para a intensificação do recrutamento de grupos de ultradireita, utilizando-se de narrativa pautada pelos perigos advindos da eleição de Brack Obama e da crise econômica então em curso (Homeland Security 2009). Busca-se, agora, a comprovação factual desse fenômeno por meio de análise de dados.

15. A marcha ‘Unite the Right’ foi realizada em 11-12 de agosto de 2017, em Charlottesville, Virgínia, e foi palco de conflito que resultou na morte de 3 pessoas.

16. Tradução do original: “We are determined to take our country back, we’re going to fulfill the promises of Donald Trump, and that’s what we believed in, that’s why we voted for Donald Trump.”

17. Tradução do original: “Countering Violent Extremism” e “Countering Islamic Extremism”.

Para fins da análise quantitativa proposta para este artigo, será utilizada a Base de Dados Globais de Terrorismo (GTD, sigla em inglês). A GTD, é uma das principais base de dados sobre atentados terroristas, vinculada à Universidade de Maryland, que contém mais de 200 mil registros de ocorrências<sup>18</sup>. Como metodologia, a GTD define como terrorismo “a ameaça ou uso de força e violência ilegal por atores não-estatais para atingir objetivo político, econômico, religioso ou social por medo, coação ou intimidação” (GTD 2023). Para ser incluída na GTD, a ação, sobre a qual informações são coletadas a partir de fontes abertas, tem de satisfazer a dois dos três seguintes critérios: o ato violento visa a alcançar objetivo político, econômico, religioso ou social; o ato violento inclui provas de intenção de coagir, intimidar ou de transmitir mensagem à audiência além das vítimas imediatas; e o ato violento está fora das normas do Direito Internacional Humanitário (idem).

Para comprovar a hipótese posta de que o terrorismo de ultradireita nos EUA intensificou-se desde 2009 levantaram-se dados de todos atentados considerados terroristas pela GTD, nos Estados Unidos, em dois períodos de doze anos: de 1997 a 2008 e de 2009 a 2020 (no momento da produção deste artigo, a GTD só disponibilizava dados até 31/12/2020).

Dentro desses recortes geográficos e temporais, buscou-se identificar quais atentados poderiam ser considerados terrorismo de ultradireita, de acordo como as explicações teóricas apresentadas neste artigo.

De 1º de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2008 foram registrados 349 atentados terroristas nos EUA. Destes, 166 podem ser considerados como terrorismo de ultradireita, o que representa cerca de 47% do total. Dos 166, 54 estão relacionados a movimentos antiaborto e consistem, majoritariamente, em ataques com explosivos e incêndios criminosos direcionados a clínicas de aborto. 24 foram cometidos por movimentos antigoverno – 18 dos 24 casos dizem respeito a campanha terrorista conduzida por Lucas Helder, que, em maio de 2002, enviou 18 bombas por correio em protesto ao controle exacerbado do governo federal sobre a vida cotidiana das pessoas, descrito, em detalhes, em cartas que acompanhavam os pacotes explosivos (Reaves 2002). Foram 6 casos de violência religiosa (anti-islâmica), 34 atentados reivindicados por grupos de supremacia branca, e 48 casos desconhecidos, nos quais não houve reivindicação da autoria dos atos, mas são considerados como parte de terrorismo de ultradireita pelos alvos e as aparentes motivações: antigoverno, como os ataques de antraz em outubro de 2001; anti-islâmicos, como ataque a Associação Islâmica de Cincinnati, em 2005; e outros correlacionados com ideais de ultradireita, como sinagogas, centros de imigrantes, etc<sup>19</sup> (GTD 2023).

Em comparação, no período de igual duração, de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2020, segundo o GTD, foram computados 535 atentados terroristas nos EUA. 428 destes incidentes, 80% do total, podem ser atribuídos ao terrorismo de ultradireita. Dos 428, 164 foram de autoria desconhecida, mas com suspeita de motivações compatíveis com as posições dos movimentos de ultradireita apresentados.

18. A Global Terrorism Database está disponível para pesquisa aberta no endereço eletrônico <https://www.start.umd.edu/gtd/>, no qual a pesquisa para este artigo foi conduzida em abril e maio de 2023.

19. Tradução do original: “the threatened or actual use of illegal force and violence by a non-state actor to attain a political, economic, religious, or social goal through fear, coercion, or intimidation”.

Dos 264 restantes, 77 incidentes foram reivindicados por grupos antigoverno e adeptos a teorias da conspiração, 52 foram cometidos por motivações religiosas (anti-islã, e anti-sikhs), 15 pelo movimento antiaborto, 86 por organizações de supremacia branca, 17 por grupos misóginos, antifeministas ou anti-LGBT, e 17 atentados terroristas foram reivindicados pelo movimento pro-Trump (*idem*).

A partir desse levantamento de dados, fica claro o notável aumento da atividade terrorista da ultradireita desde a posse de Barack Obama até o final de 2020 em comparação ao período de igual duração (doze anos) antecedente. Comprova-se, portanto, a hipótese posta de que o terrorismo de ultradireita nos EUA esteve em expansão de 2009 a 2020.

## 7. Conclusão

Buscou-se no artigo apresentar definição teórica sobre terrorismo e ultradireita com o objetivo de identificar os elementos necessários para análise da situação atual no cenário político norte-americano. Assim, definiu-se o fenômeno nos EUA como o uso ou ameaça de violência ou força que busca gerar impacto psicológico além das vítimas do ataque, com motivos políticos pautados por ideias de nacionalismo e/ou nativismo e que se refletem em ações de diversos grupos que defendem a supremacia racial, a oposição ao governo federal e/ou o fundamentalismo cristão. Discutiram-se o crescimento da figura do lobo solitário como forma de expressão desse terrorismo bem como os principais fatores condicionantes que fomentam a propagação da violência. Em sequência, a análise dos dados levantados da GTD comprovou a hipótese de que o terrorismo de ultradireita nos EUA esteve em expansão de 2009 a 2020.

Tendo em conta os diversos elementos apresentados sobre as ideologias norteadoras da ultradireita, sobre as principais características dos movimentos e sobre as condições que tendem a contribuir para a expansão do terrorismo, o que se pode esperar dos próximos anos nos EUA?

A intensificação da presença da figura do lobo solitário é fator extremamente preocupante no que diz respeito ao avanço do terrorismo. Dificuldades práticas das agências de segurança de conter ações descentralizadas e individuais de terroristas que, com os avanços tecnológicos da internet, têm ao seu dispor informação ilimitada e alto grau de integração de redes de contatos internacionais, representam situação inquietante de segurança pública. O número elevado de armas de fogo registradas nos EUA contribui, também, para potencializar os perigos apresentados pelos atos de lobos solitários.

Parece razoável, ademais, presumir que a polarização política nos EUA e o clima contencioso deverá continuar em curto e médio prazo, uma vez que questões fortemente divisórias na sociedade estadunidense permanecem em pauta. O debate sobre direito ao aborto, por exemplo, polêmica que havia sido em larga medida superada pela decisão *Roe v Wade* em 1974, foi retomada, com novas decisões da Suprema Corte, hoje integrada por maioria conservadora.

Talvez o maior fator indicativo da probabilidade da manutenção de antagonismo político ao longo dos próximos anos foi o lançamento de nova candidatura presidencial de Donald Trump. Recordar-se que a última vez que o candidato foi derrotado nas urnas, a reação dos seus apoiadores mais fanáticos gerou um dos episódios mais marcantes da

história política moderna nos EUA, com a invasão do Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Com a candidatura de Trump, entre outros fatores, estima-se que as ideologias de ultradireita continuarão a penetrar a agenda política tradicional dos EUA, o que pode contribuir para o empoderamento dos grupos extremistas que cometem atos de terrorismo. Em exercício simbólico profundamente desconcertante, o lançamento da campanha do ex-presidente foi feito na cidade de Waco, Texas, dias antes do aniversário de 30 anos do confronto que marcou o início de nova fase da ultradireita norte-americana.

Assim, com a manutenção dos fatores sociais e políticos que tendem a exacerbar ameaças terroristas, a análise da situação atual nos EUA tende a ser pessimista, pois, lamentavelmente, não parece haver indícios de que a expansão do terrorismo de ultradireita no país será freada no futuro próximo.

Recebido em: 05/06/2023.

Aprovado em: 04/08/2023.

## Referências

- Appleton, Catherine. 2014. Lone wolf terrorism in Norway. *The International Journal of Human Rights* 18 (2): 127–142.
- Auger, Vincent A. 2020. Right-wing terror. *Perspectives on Terrorism* 14 (3): 87–97.
- Baker, M., P.; Shear. 2016. How White Nationalists Learned To Love Donald Trump. *Politico Magazine*, <https://www.politico.com/magazine/story/2016/10/donald-trump-2016-white-nationalists-alt-right-214388>.
- . 2019. El Paso Shooting Suspect's Manifesto Echoes Trump's Language. *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/2019/08/04/us/politics/trump-mass-shootings.html>.
- Ballard, S. 1988. *Ku Klux Klan: A History of Racism and Violence*. Montgomery: Southern Poverty Law Center.
- Barkun, Michael. 1994. *Religion and the Racist Right Chapel Hill*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Berlet, Chip. 2004. Militias in the Frame. *American Sociological Association* 33 (5): 514–521.
- Bjørge, Tore e Jacob Aasland Ravndal. 2019. Extreme-right violence and terrorism: Concepts, patterns, and responses.
- Bouhana, Noemie, Stefan Malthaner, Bart Schuurman, Lasse Lindekilde, Amy Thornton e Paul Gill. 2018. Lone-actor terrorism: radicalisation, attack planning and execution. *Routledge handbook of terrorism and counterterrorism*, 138–150.

- Bush, Sargent. 2000. America's origin myth: remembering Plymouth Rock. *American Literary History* 12 (4): 745–756.
- Dobratz, Betty A e Stephanie L Shanks–Meile. 2000. *The white separatist movement in the United States: "White power, white pride!"* JHU Press.
- Gill, Paul, Emily Corner, Maura Conway, Amy Thornton, Mia Bloom e John Horgan. 2017. Terrorist use of the Internet by the numbers: Quantifying behaviors, patterns, and processes. *Criminology & Public Policy* 16 (1): 99–117.
- Gitlin, Martin. 2009. *The Ku Klux Klan: a guide to an American subculture*. Bloomsbury Publishing USA.
- GTD. 2023. *GLOBAL TERRORISM DATABASE (GTD)*. Relatório técnico. <https://www.start.umd.edu/gtd/>.
- Hewitt, Christopher. 2003. *Understanding terrorism in America: From the Klan to al Qaeda*. Volume 1. Psychology Press.
- Hobsbawn, Eric. 1990. *Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Paz e Terra.
- Hoffman, Bruce. 2017. *Inside terrorism*. Columbia university press.
- Homeland Security, Department of. 2009. *Rightwing Extremism: Current Economic and Political Climate Fueling Resurgence in Radicalization and Recruitment*. Relatório técnico. Department of Homeland Security. <https://fas.org/irp/eprint/rightwing.pdf>.
- Jackson, Sam. 2019. A schema of right-wing extremism in the United States.
- Jones, Seth G, Catrina Doxsee e Nicholas Harrington. 2020. The escalating terrorism problem in the United States.
- Kaplan, Jeffrey. 2000. *Encyclopedia of white power*. Walnut Creek: Altamira.
- Katz, Rita. 2022. *Saints and Soldiers: Inside Internet–Age Terrorism, From Syria to the Capitol Siege*. Columbia University Press.
- Kovaleski, M., S.; Baker. 2023. Gunman in 2017 Las Vegas Shooting Was Angry at Casinos, New F.B.I. Files Show. *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/2023/03/30/us/las-vegas-shooting-gunman.html?searchResultPosition=1>.
- Law, Randall D. 2016. *Terrorism: A history*. John Wiley & Sons.
- McAlexander, R. 2019. Terrorism does increase with immigration—but only homegrown, right-wing terrorism. *The Washington Post*, <https://www.washingtonpost.com/politics/2019/07/19/immigration-%20does-lead-more-terrorism-by-far-right-killers-who-oppose-immigration/>.
- Miller, Claude H, Jonathan Matusitz, H Dan O'Hair e Jacqueline Eckstein. 2008. The complexity of terrorism: Groups, semiotics, and the media. Em *Terrorism: Communication and Rhetorical Perspectives*, 43–67. Cresskill: Hampton Press.
- Mudde, Cas. 2000. *Ideology of the Extreme Right*. Manchester University Press.
- Nacos, Brigitte L, Robert Y Shapiro e Yaeli Bloch-Elkon. 2020. Donald Trump. *Perspectives on Terrorism* 14 (5): 2–25.

- NAF. 2021. *Violence and Disruption Report 2021*. Relatório técnico. National Abortion Federation. <https://prochoice.org/national-abortion-federation-releases-2021-violence-disruption-report/>.
- Nance, Malcolm. 2022. *They want to kill Americans: The militias, terrorists, and deranged ideology of the Trump insurgency*. St. Martin's Press.
- Ogan, Christine, Lars Willnat, Rosemary Pennington e Manaf Bashir. 2014. The rise of anti-Muslim prejudice: Media and Islamophobia in Europe and the United States. *International communication gazette* 76 (1): 27–46.
- Pantucci, Raffaello e Kyler Ong, 2021. Persistence of right-wing extremism and terrorism in the West. *Counter Terrorist Trends and Analyses* 13 (1): 118–126.
- Perliger, Arie. 2012. Identifying three trends in far right violence in the United States. *CTC Sentinel* 5 (9): 5–7.
- . 2019. *American zealots: Inside right-wing domestic terrorism*. Columbia University Press.
- Polesky, Joelle E. 1995. Rise of Private Militia: A First and Second Amendment Analysis of the Right to Organize and the Right to Train. *U. Pa. L. Rev.* 144:1593.
- Preston, M. 2009. White Supremacists Watched in Lead Up to Obama Administration. *CNN*, <https://www.cnn.com/2009/POLITICS/01/16/obama.white.supremacists/>.
- Quarles, Chester L. 1999. *The Ku Klux Klan and related American racist and antisemitic organizations: A history and analysis*. McFarland.
- Rapoport, David. 2022. *Waves of global terrorism: From 1879 to the present*. Columbia University Press.
- Reaves, J. 2002. Person of the Week: Lucas Helder. *Time Magazine*, <https://web.archive.org/web/20121023000335/http://www.time.com/time/pow/article/0,8599,236525,00.html>.
- Richards, Anthony. 2015. *Conceptualizing terrorism*. Oxford University Press.
- Schimich, M. 2017. David Duke and Donald Trump and the long ties of history. *Chicago Tribune*, <https://www.chicagotribune.com/columns/mary-schmich/ct-david-duke-mary-schmich-20170815-column.html>.
- Schmid, Alex P. 2023. Defining Terrorism. *The Hague: ICCT*.
- Silke, Andrew. 2019. The study of terrorism and counterterrorism. *Routledge handbook of terrorism and counterterrorism*, 1–10.
- SPLC. Sem data. *Southern Poverty Law Center*. Relatório técnico. <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/group/council-conservative-citizens>.
- U.S. Constitution. 2023. *Constitution Annotated: Analysis and Interpretation of the U.S. Constitution*. <https://constitution.congress.gov/browse/amendment-2/>.
- Waller, A. 2020. Virginia Man, Said to Be a Klan Leader, Gets 6 Years in Prison After Driving Into a Protest. *The New York Times*, <https://www.nytimes.com/2020/08/11/us/kkk-harry-rogers-guilty.html>.
- Winter, A. 2019. The Routledge Handbook of Terrorism and Counterterrorism. Capítulo The United States of America: Counter-Terrorism Pre-9/11, 614–633. Routledge.